

TEMPO DE LUZ



# TEMPO DE LUZ

WHITNEY SCHARER

Tradução de Alessandra Esteche



Copyright © 2019 by Whitney Scharer

TÍTULO ORIGINAL  
The Age of Light

PREPARAÇÃO  
Marina Góes

REVISÃO  
Milena Vargas  
Juliana Souza

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGENS DE CAPA  
© Daniel Murtagh/Trevillion Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Túlio Cerquize

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S326t

Scharer, Whitney  
Tempo de luz / Whitney Scharer ; tradução de Alessandra  
Esteche. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.  
384 p. ; 23 cm

Tradução de: The age of light  
ISBN 978-85-510-0441-8

1. Romance americano. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

18-53370

CDD: 869.3

CDU: 82-31(73)

[2019]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para minha mãe, com amor e gratidão*



Toda arte é resultado de um risco que se correu, de uma experiência levada ao extremo, até o ponto em que ninguém poderia chegar.

— *Rainer Maria Rilke*





PARTE UM



# PRÓLOGO

FAZENDA FARLEY, SUSSEX, INGLATERRA

1966

Calor de julho. Os montes estão verdes da chuva da semana passada e se projetam em direção ao céu como seios cobertos de musgo. Da janela da cozinha, Lee Miller vê colinas por todos os lados. Uma estrada de cascalho em linha reta. Muros de pedra construídos muito antes de sua chegada àquele local dividem a paisagem e mantêm as ovelhas em seu lugar, mastigando calmamente. O marido, Roland, com sua bengala, segue pela trilha. Dois dos convidados o acompanham, e ele interrompe a caminhada para chamar a atenção para uma toca de toupeira capaz de quebrar um tornozelo ou para um bolo de esterco que talvez seja rural demais para alguns visitantes.

A horta de Lee fica bem próxima da cozinha e é a maior distância que ela se permite caminhar. Roland parou de convidá-la a se juntar a ele em seus passeios há anos, quando ela disse que, enquanto ele não construísse uma calçada ladeada de cafeeiros, não perderia tempo se arrastando pelas encostas. Agora ela acha que ele aprecia o tempo longe dela, como ela aprecia o tempo longe dele. Sempre que o vê sair, a pressão em sua garganta alivia um pouco.

De todos os cômodos da Fazenda Farley, a cozinha é onde Lee se sente mais satisfeita. Não feliz, apenas satisfeita. Ninguém entra ali sem ela, e se entrassem jamais encontrariam o que procuram. Potes com especiarias cambaleiam em torres irregulares, recipien-

tes em vários estágios de sujeira cobrem o balcão e enchem a pia, garrafas de vinagre e azeite repousam abertas nas prateleiras. Mas Lee sempre sabe onde está tudo, como sabia em seu estúdio, um cenário confuso para todos, exceto para ela. Quando Dave Scherman, seu parceiro de fotografia durante a guerra, entrava em seu quarto no hotel Scribe, costumava vir com uma gracinha na ponta da língua — “Ora ora, fazendo uma instalação artística com galões de gasolina usados, Lee?” —, e é nele que ela pensa quando está na cozinha, imaginando o que diria agora. Dave é um dos poucos amigos dos tempos de guerra que ainda não se aventurou a vir vê-la. Lee sente-se grata por isso. Na última vez que o viu, quando todos ainda moravam em Londres, ouviu Dave dizendo a Paul Éluard que ela havia engordado e perdido a beleza, e que não ser bonita a deixava zangada. O que não é verdade, claro. Há muito mais deixando-a zangada do que a estranha que a cumprimenta no espelho a cada manhã, com seus vasos sanguíneos rompidos florescendo no rosto inchado.

Lee, que estudou no Cordon Bleu há alguns anos, hoje faz jantares completos quase todos os fins de semana e escreve sobre eles para a *Vogue*. Ela é a correspondente de assuntos domésticos da revista. Antes disso, fora correspondente de guerra, e antes disso correspondente de moda, e antes disso modelo de capa. Em 1927, um croqui art déco de sua cabeça, com o chapéu *cloche* abaixado como um capacete, inaugurou uma era de novo modernismo na moda feminina. Uma carreira extraordinária, todos dizem sempre. Lee nunca fala sobre aquela época.

Lee está pensando na *Vogue* porque Audrey Withers, sua editora, vem jantar esta noite. Audrey provavelmente está fazendo a viagem até Farley porque quer demitir Lee pessoalmente. Lee teria demitido a si mesma há muito tempo, depois do vigésimo prazo perdido ou do décimo texto sobre entretenimento em uma casa de campo. Mas Audrey é uma pessoa leal, além de ser a única editora de moda que tenta dizer às mulheres coisas mais importantes do que as últimas

tendências dos trajes de festa. Audrey será abafada por outros convidados: Bettina, amiga em comum, e Seamus, curador do Instituto de Arte Contemporânea e braço direito de Roland. Lee acha que Audrey não será capaz de demiti-la na frente dos amigos de Roland. Talvez seja possível sentir o clima da editora, virar o jogo, encontrar um caminho de volta.

O cardápio da noite é uma variação de algo que Lee já serviu antes. Dez pratos. *Croûtes* de aspargos com molho holandês, espetinhos de vieiras com molho *béarnaise*, sopa *vichyssoise*, Penroses, *mini toad-in-the-hole*, frango verde à la Muddles Green, gorgonzola com nozes, faisão na cerveja, sorvete de gengibre e *bombe Alaska* flambado servido à meia-luz. Se Lee for demitida por Audrey, vai matá-la com manteiga, creme e merengue embebido em rum.

Durante a guerra, quando Lee era correspondente em Leipzig e na Normandia, Audrey costumava ser a única pessoa com quem entrava em contato. Lee enviou as primeiras fotos do campo de Buchenwald, e Audrey publicou-as com o texto que Lee datilografara em sua Hermes Baby, abastecida de Benzedrina, conhaque e ira. Audrey publicou as palavras exatamente como Lee as escrevera, com o título “Acredite” e as fotos em página cheia, enormes em sua glória pavorosa. Fizera isso sem se importar se, em algum lugar em Sheffield, uma dona de casa viraria a página reluzente do anúncio do último lançamento das luvas Schiaparelli para dar de cara com um soldado da SS ferido e espancado, com o nariz quebrado e o maldito rosto coberto de sangue preto grosso.

É meio-dia e Lee começa a preparar os Penroses, um prato inventado por ela que consiste em cogumelos espessos enrolados, recheados com *foie gras* e cobertos de páprica para lembrar as rosas que florescem ao redor da horta. É fácil errar o preparo, e o processo todo leva horas. Isso costuma irritar Roland, porque Lee diz que o jantar vai sair às oito, mas então o relógio marca nove, dez, onze horas, e todos os convidados já estarão cansados e bêbados quando ela começar a servir o primeiro prato. Lee não liga nem

um pouco. Uma vez preparou uma anchova grelhada em homenagem a um quadro de Miró e até Roland concordou que valera a pena esperar.

Esta noite, no entanto, ela será pontual. Sairá da cozinha calma e majestosa e, como bailarinos em uma coreografia bem executada, os pratos chegarão à mesa um após o outro. Há certa magia na execução de uma refeição completa e, em seus melhores dias, Lee se lembra de como era estar na câmara escura, movimentando-se no ritmo exato, nenhum esforço desperdiçado.

Lee termina os Penroses e os deixa em cima da geladeira. Em seguida, prepara uma quantidade maior do que a necessária de molho holandês, batendo as gemas com o suco de limão em um recipiente de cobre, o fuê fazendo *tin-tin-tin* contra o metal. Lá fora, Roland e os primeiros convidados sobem uma encosta, enfileirados como patos, e então mergulham em um vale e desaparecem de vista.

O que Lee dirá a Audrey? Tem em mente ideias de artigos, nenhuma boa. Tem desculpas. Parecem uma opção melhor, mais sincera. Os anos têm sido difíceis, com a mudança para cá, o fato de só ir a Londres algumas vezes por mês, estar ausente de tudo. Mas ela sabe que seus textos ainda são bons. Suas fotos ainda são boas. Ou seriam se ela conseguisse produzir, se conseguisse se livrar do torpor da tristeza que carrega consigo como uma capa pesada. Dirá a Audrey que se sente pronta agora. Dirá que tirou a quinquilharia de um dos quartos e montou a máquina de escrever, a mesa embaixo de uma janela pequena com vista para a estrada que sai da fazenda. Lee até tirou uma foto, a primeira em meses, a janela enquadrada, uma vista dentro de outra vista, e pendurou perto da mesa. Audrey vai gostar de saber que Lee fotografou. Que se sentou ali, os dedos percorrendo as laterais amassadas da máquina, olhando as galinhas ciscarem na entrada da casa. Quando Audrey perguntar, Lee fará comentários incisivos e afiados sobre a vida no campo. Oferecerá tudo o que a editora quiser dessa vidinha que leva, dentro do prazo, com fotos se conseguir.

Às quatro Lee já tem quase tudo preparado, a *mise-en-place* montada, as tigelinhas com manjerona picada, sal marinho, anchovas, caiena e todas as outras especiarias de que vai precisar para fazer os pratos. Ela coloca uma pedra de gelo em seu copo e vai para a sala de jantar. Há uma comprida mesa de jantar com suportes de cavalete e madeira esburacada, grande o suficiente para comportar vinte e quatro pessoas. A lareira em um dos cantos da sala lembra Henrique VIII, leitões assados, jarros de vinho. Sobre ela está pendurado o retrato de Lee pintado por Picasso, desde sempre a imagem de si que mais lhe agrada, o modo como capturou seu sorriso com diastema. Ao redor, algumas das peças da coleção pessoal de Roland de que eles mais gostam, amontoadas umas sobre as outras, Ernst ao lado de Miró ao lado de Turnbull. Foram, ao longo dos anos, mesclando a elas algumas peças surrealistas desconhecidas: um pássaro empalhado deitado de cabeça para baixo em uma das molduras, um dormente com uma boca gigante pintada, o rabisco de uma mulher com cabelo emaranhado em uma das molduras mais pomposas que eles encontraram. Lee senta-se à mesa. Seus pés estão começando a inchar. Ela sacode um pouco o copo, e a pedra de gelo dança no uísque.

Roland chega de sua caminhada no instante em que um Morris rebaixado surge na entrada, o ronco alto do motor alertando sobre sua chegada. Ele para à porta da cozinha — geralmente fica ali emoldurado pela soleira, parecendo nunca querer adentrar os domínios de Lee.

— Boa caminhada hoje — diz ele, esfregando o nariz com os dedos magros de escultor. — Vimos uma cobra-touro no caminho. Devia ter um metro e meio, dois.

Lee assente sem olhar diretamente para ele, mexendo uma colher de cabo longo na panela onde está cozinhando batatas.

— O cheiro está bom — continua ele, fungando. — De alho.

— É o frango.

Ele funga mais uma vez.

— Que horas a Audrey chega?

— Acho que foi ela quem acabou de chegar — responde Lee com calma, como se não estivesse agitada desde que ouviu o som dos pneus freando.

— Você quer recebê-la ou prefere que eu vá?

— É melhor você ir — diz Lee, gesticulando para mostrar a bagunça. — Estou no meio de um monte de coisas aqui.

Roland olha demoradamente para ela antes de sair.

A água começa a ferver e o vapor envolve o rosto de Lee, que se inclina sobre a panela. A regra para batatas: coloque-as na panela e cubra com mais água da torneira do que acha que será necessário. Certifique-se de que as batatas tenham espaço para se mexer. Se ficarem encostando umas nas outras, vão endurecer por causa do amido. Lee ferve as batatas e as corta enquanto ainda estão fumegantes. A maioria das pessoas não se dedica tanto ao preparo de batatas.

Da frente da casa, a voz de Roland vem em um crescente:

— Audrey! Você não sabe que aqui em Sussex os amigos usam a porta dos fundos?

E então ouve-se a voz alta e refinada de Audrey em resposta.

Lee reabastece depressa o copo com a garrafa que mantém atrás dos potes de vidro. Volta a ouvir os passos de ambos no cascalho, voltando para o carro, então o rangido e a batida da porta de tela, alta como um tiro, quando retornam. O barulho faz um choque elétrico subir por suas costas e de repente Lee é tomada por um pânico generalizado, a escuridão cobrindo-a como um capuz. Há um cheiro de queimado no ar e Lee teme ter esquecido algo no forno, mas não consegue se obrigar a ir conferir. Os cantos de sua visão escurecem, sensação recorrente quando algo assim acontece, e mesmo com os olhos abertos ela está de volta àquele lugar, Saint-Malo desta vez, a camisa encharcada de suor, agachada no abrigo, os músculos da coxa queimando enquanto ela espera que o eco das bombas se dissipe.



Não consegue impedir que esses pensamentos surjam. Estão alojados em seu cérebro como estilhaços, e Lee nunca sabe quando alguma coisa trará um deles à tona. Dessa vez, quando retorna ao presente, Lee se vê encolhida no canto da cozinha, agarrando os joelhos junto ao peito. Trêmula, fica de pé, aliviada por ninguém tê-la visto assim.

O copo. Ela pega o copo, encosta na testa para sentir o frescor, bebe um gole trêmulo, e mais um. O cronômetro dispara. Mais um susto. Lee tenta se recompor, tira uma batata da panela e a sente com os dentes, mas está tão quente que ela recua de modo brusco e a batata cai no piso frio com um baque surdo. Mais um gole, o pânico crescendo, o cômodo à sua volta se curvando e retorcendo como o reflexo de seu rosto na superfície de cobre da panela, e ela quer abandonar o jantar e subir para o escritório, onde poderia voltar a observar as ovelhas, tudo organizado e em ordem, como era centenas de anos antes de eles se mudarem para lá.

Lee segue em direção à escada dos fundos e está quase saindo da cozinha quando ouve a voz de Audrey.

— Lee! — chama a editora, atravessando a cozinha com os braços estendidos e um sorriso no rosto. — Então é aqui que a magia acontece. Vi suas fotos, mas é muito mais divertido ver pessoalmente.

Audrey parece igual: pequena, imaculada, uma echarpe de seda amarrada em um laço no pescoço. O cabelo louro tingido preso em cachos, os dentes perfeitamente aceitáveis que a deixam um pouco parecida com um texugo e o hábito de usar broches com flores para trabalhar. Está usando um naquele instante. Broches florais à parte, Audrey é a pessoa menos vaidosa que Lee conhece, o que é uma conquista e tanto para alguém que trabalha com moda há mais de trinta anos. Lee larga o copo, esfrega as mãos na toalha pendurada na faixa do avental e estende os braços. As duas se abraçam com força e Lee sente como se alguém enchesse um balão dentro de seu peito, afastando o pânico e abrindo espaço dentro dela. Tinha esquecido o tamanho de seu amor por Audrey.

Elas se afastam e Lee observa enquanto a outra avalia a cozinha. Audrey olha para a bagunça, para o copo de Lee em cima do balcão, para o roupão de Lee — rapidamente, tentando evitar que Lee perceba —, para seu cabelo emaranhado, para as protuberâncias de seu corpo pesado. Lee sabe que não é uma visão atraente para Audrey, mas a mulher tem tato suficiente para desviar o olhar para o outro lado da cozinha.

— Esses são os famosos cogumelos Penrose? — pergunta ela, apontando para a geladeira. — Novembro de 1961. Recebemos muitas cartas sobre eles.

— Os próprios — diz Lee.

Embora tenha tirado o copo de vista, escondendo-o atrás de uma tigela de alface, Lee fica olhando para ele. O pânico está de volta, denso e sufocante, e ela fecha os olhos para afastá-lo.

— Audrey — falo finalmente, apontando para uma cadeira —, por favor, sente-se. Fique à vontade. Gostaria de algo para beber?

— Ah, tenho certeza de que você está ocupada demais para me entreter enquanto cozinha! Roland se ofereceu para fazer um tour comigo, mas eu queria dizer oi assim que chegasse.

Audrey volta para onde Lee está e, com olhos gentis, lhe dá mais um abraço rápido.

Lee fica aliviada e não tenta impedir Audrey quando ela deixa a cozinha. Com as mãos trêmulas, recupera o copo e bebe de um gole só, fazendo os olhos lacrimejarem. Deixa cair as lágrimas que surgem.

São nove horas e Lee não terminou de preparar o jantar. Os convidados estão na sala de estar. Ela ouve o tom das vozes oscilar, o tilintar das taças de vinho. Roland veio à cozinha várias vezes, dizendo em um sussurro baixo:

— Todos estão esperando, estão com fome, você tem ideia de quando vai ficar pronto?

Lee diz que não. Os convidados podem esperar, até Audrey, e vai valer a pena.

Parte do problema é que Lee continua bebendo, a garrafa extra atrás dos potes de vidro já esvaziada e substituída por outra que estivera escondida no fundo da despensa. Lee bebeu tanto que pela primeira vez consegue sentir o nariz dormente e os dedos escorregadios como tabletes de manteiga. É fácil seguir enchendo o copo, e impossível saber quantas vezes fez isso. Beber a faz esquecer que Audrey é o cordão que a prende a tudo com o que se importava no mundo: fotografia, escrever, a antiga beleza que tivera. Quando consegue vencer o impulso de se encolher na cama e dormir para sempre, Lee quer ser a pessoa que costumava ser, viva e ávida. Mas toda vez que ouve a voz de Audrey vindo da sala, o sotaque londrino elegante, ela pega o copo para mais um gole.

Às nove e meia os aspargos estão em uma cama de alface, molho holandês salpicado ao redor. Lee pega o prato e empurra a porta de vaivém que dá para a sala de jantar. Na sala de estar contígua, o grupo faz silêncio ao vê-la. Alguém — talvez Seamus, do IAC — diz:

— Magnífico! Estou morrendo de fome.

E todos os convidados vêm para a sala de jantar. Roland os leva a seus lugares — é um de seus talentos, acertar quem deve ficar ao lado de quem em um jantar — e então vem até Lee, pega o prato e o coloca no aparador. Janie está lá, a garota da casa a quem Lee atormenta por raramente deixá-la entrar na cozinha. É ela quem serve os aspargos, e todos olham para Lee à porta.

— Junte-se a nós, querida — convida Roland, apontando para o lugar dela na cabeceira da mesa, perto da cozinha.

— Ainda tenho coisas a fazer — responde Lee, virando para a porta e se perguntando vagamente se isso é um insulto antes de decidir que na verdade não se importa.

— Sente-se, Lee — chama Audrey. — Você passou o dia todo em pé!

Audrey está certa. Os pés de Lee estão doendo. Ela tira o avental e vai até a cadeira e alguém, não Roland, enche sua taça de vinho;

a conversa recomeça aos poucos à medida que as pessoas vão levando talos reluzentes de aspargos à boca e começam a exclamar sobre como estão bons.

Todos comem e bebem e não é muito intimidador. Audrey está envolvida em uma conversa longa com Bettina sobre um desfile de primavera a que acabou de assistir. O novo visual era à base de recortes geométricos, jaquetas *cropped*, roupas acinturadas. Depois de um tempo, Bettina se vira para Lee e diz:

— Você sempre teve um olho tão bom! O que acha dos novos Saint Laurent?

Lee ri.

— Betts, desisti de tudo isso quando percebi quanto meu uniforme do exército era confortável... você sabe disso. Agora só uso calça e roupão.

Roland olha para ela. Assim como Audrey, ele conheceu Lee quando ela era modelo, tempos em que via um vestido do outro lado da sala e sabia o estilista, o material e a estação da peça. Isso também ficou para trás, graças a Deus! Se as mulheres soubessem como as calças militares são confortáveis, todas usariam. Durante a última visita de Lee à *Vogue*, ela encurralou algumas jovens modelos no elevador e disse a elas quanto era libertador usar calças masculinas e poupar os pés dos equivalentes a armadilhas de dedos chinesas. Uma das modelos a reconheceu.

— Você é Lee Miller, não é?

A garota se agigantou sobre Lee — a cada ano as modelos pareciam ficar mais altas —, e algo na pergunta a irritou. Havia nela um tom de Audrey:

— Sejam gentis com a Lee. Ela não é mais a mesma... As coisas que viu... Ela estava na Alemanha quando abriram os campos. Uma coisa realmente horrível. Nunca devíamos tê-la mandado para lá.

Ser reconhecida pela garota fez emergir o demônio em Lee.

— Lee Miller? — disse Lee, aproximando-se tanto que conseguia até ver os poros da outra, vestígios de placa em seus dentes brancos e alinhados. — Ouvi dizer que ela morreu.

A garota pareceu chocada, e então a porta do elevador abriu e Lee saiu, os cadarços desamarrados dos coturnos batendo à medida que ela avançava pelo corredor.

E aqui está Lee no jantar também de coturno, a camisa, antes coberta pelo avental, enfiada na calça, com Audrey, Bettina e Roland olhando para ela sem jeito, a conversa sobre moda suspensa.

Para quebrar o silêncio, Lee pega a *vichyssoise*, servida em cumbucas de barro que ela e Roland compraram em Bath há anos. Janie a ajuda a servir, e Lee mostra a ela como trazer os próximos pratos, que estão preparados e prontos para serem servidos ao comando. Como cada ida à cozinha é uma desculpa para servir-se de mais uísque, Lee não quer que Janie trabalhe demais.

Finalmente, depois das vieiras, do frango e do faisão — todos tão perfeitos quanto Lee imaginou que estariam, ainda que não pontuais —, a conversa se volta para o trabalho de Roland, as fofocas sobre o IAC e os problemas da última exposição. A voz de Seamus se eleva em tom de palestra. Por que homens gordos amam tanto o som da própria voz? Lee e Audrey são as únicas pessoas à mesa que não têm ligação com o museu, então logo param de ouvir, ao que Audrey vira de lado e diz:

— Lee?

Lee está pronta — já estava havia um tempo — e fala:

— Estou com muitas ideias, Audrey. Mesmo. Voltei a escrever. Chega de perder tempo.

Audrey se ajeita na cadeira. Parece surpresa.

— Isso é maravilhoso!

— Eu estava pensando sobre aquele peixe que servi num jantar... Eu falei sobre ele? A anchova? Por que não escrever um artigo sobre arte e culinária? Ou eu poderia escrever sobre como explorar recursos alimentares. Sobre itens que as pessoas nem sabem que podem comer... frondes de samambaia, ou cogumelos diferentes... um artigo inteiro, com fotos para ilustrar.

Lee sente que está balbuciando, as palavras como peças de um quebra-cabeça sendo derramadas de uma caixa. Audrey ergue a taça, sua

aliança reluzente à luz das velas. Lee vê nos olhos de Audrey exatamente as emoções que esperava encontrar, pena e constrangimento, e a mulher desvia o olhar como se não quisesse encará-la.

— Lee — começa Audrey —, quero pedir uma coisa.

Lee faz menção de se levantar.

— Eu devia... eu preciso servir o próximo prato.

Audrey coloca a mão no pulso de Lee.

— Não posso esperar. Roland e eu tivemos uma boa conversa quando ele me levou para fazer o tour à tarde, falamos sobre algo que nós dois vínhamos pensando há meses. Quero que você escreva um artigo... bem, Roland e eu queremos que você escreva um artigo... sobre seus anos com Man Ray. De capa. Três mil e quinhentas palavras. Algumas das fotos dele da época. Achamos que vai fazer bem a você ter um projeto grande ao qual se dedicar. Para a edição de fevereiro, quem sabe. Você pode entrevistá-lo se quiser, ou simplesmente escrever do seu ponto de vista, de memória. Nossas leitoras vão amar. Um toque feminino. Elas passaram a amar você ao longo dos anos por todos os artigos sobre culinária.

Lee olha para Roland, que cuidadosamente evita olhar em seus olhos. Seus ombros se movem e quase tocam as orelhas, e ele exhibe o mesmo olhar de cão arrependido de quando Lee grita com ele.

*Elas passaram a amar você por todos os artigos sobre culinária.* Todas as banalidades que Lee enviou a Audrey nos últimos anos, o retrato que encomendaram dela na horta, com um maldito avental de guingão. E elas a amam! Mandam cartas. *Querida Sra. Penrose, sou dona de casa em Shropfordshire e fiz seu pavê ontem à noite. Foi um sucesso! Meus convidados ainda estão falando dele.*

Mais cedo, quando Lee estava na cozinha calculando a quantidade de feno-grego, Roland e Audrey deviam estar falando a seu respeito, elaborando um plano para fazê-la voltar a se envolver, voltar a ser quem era, fazer algo que valesse a pena.

— Não quero — responde Lee finalmente, soando petulante até mesmo aos próprios ouvidos.

— Por que não? — Audrey parece compreensiva.

Lee estende a mão para pegar a taça e a expressão de Audrey fica mais grave. Sem deixar que ela responda, Audrey diz:

— Vai ser bom para você, Lee. Uma história com significado. Uma história que só você pode contar.

— Eu não quero, Audrey.

— Lee... não sei como dizer isso... mas é isso ou vamos ter que renegociar seu contrato.

Ela sabia que essas palavras viriam, mas isso não aliviou nem um pouco a dor de ouvi-las.

— Estou escrevendo de novo, Audrey. Mesmo.

— Então escreva o que estou pedindo. É disso que precisamos. Não podemos mais... Estamos nos afastando da seção doméstica...

Neste momento, Janie vem até Lee e sussurra em seu ouvido:

— Sirvo a sobremesa, senhora?

— Não, não... eu mesma vou servir, Janie — diz Lee.

Assim que a porta da cozinha se fecha, Lee pega o primeiro copo limpo que vê, uma das xícaras de chá da mãe com um delicado desenho de rosas e vai imediatamente em direção aos potes de vidro. Como a xícara chacoalha no pires enquanto ela despeja o conteúdo, Lee abre mão dele e passa a segurar a xícara com as duas mãos, engolindo o uísque de uma vez só, o álcool subindo e queimando seu nariz.

Um artigo sobre o tempo que passou com Man Ray. Com fotos para ilustrar. Lee poderia contar a história de novo, como sempre contou: “Conheci Man Ray em um bar quando ele estava a caminho de Biarritz. Perguntei se podia ser sua aluna e ele disse que não aceitava alunos. Então eu disse que iria com ele, e antes que o trem chegasse a Biarritz estávamos apaixonados.” Contando assim soa romântico, um conto de fadas, e uma história contada várias vezes torna-se verdade, assim como uma fotografia pode nos fazer pensar que se trata de uma lembrança verdadeira. E por que não poderia ser? Lee era bonita o suficiente para conseguir o que queria exatamente quando queria, e *existem* fotos dela em Biarritz com Man, a cabeça

para trás para sentir o sol, a pele lisa como o interior de uma concha. Lee poderia montar toda uma história a partir das fotos, contando qualquer versão que quisesse. Mas, naquela época, naquele primeiro verão em Paris, ela ainda não conhecia o poder das fotos, não sabia como um enquadramento cria a realidade, como uma fotografia se torna uma lembrança que se torna uma verdade.

Ou Lee poderia contar a história real: aquela em que amou um homem que a amou de volta e que no fim tiraram tudo um do outro — quem poderia dizer qual dos dois saiu mais destruído? Foi essa história que ela trancou bem fundo dentro de si, na qual estava pensando quando escondeu todas as impressões e os negativos no sótão, a história que faz a xícara delicada tremer em suas mãos.

Lee bebe um último gole e coloca a xícara vazia no topo de uma pilha na pia. Chama Janie e, juntas, as duas levam o *bombe Alaska* para a mesa e o colocam no meio do grupo. Com gestos teatrais, Lee despeja o rum sobre o prato, pega um fósforo longo e as chamas instantâneas, quentes e azuis, sobem quase até o lustre. Todos suspiram e aplaudem ruidosamente, e, por um instante, Lee esquece quanto Audrey a deixou triste e simplesmente fica ali assistindo ao álcool queimar.

Depois que o bolo é cortado e todos são servidos, Lee volta a se sentar ao lado de Audrey.

— Para quando você precisa? — pergunta Lee, vendo o rosto da outra ir da surpresa ao prazer.

— Eu gostaria de ver uma primeira versão até outubro.

Lee faz que sim.

— Tudo bem. Mas não com as fotos dele. Com as minhas.

Audrey gira a haste da taça entre os dedos.

— Não posso prometer isso. A história é sobre Man Ray.

Não é, pensa Lee. E esse sempre foi o problema.